

POR QUE DISCUTIR A PANDEMIA A ESSA ALTURA?

Mônica Nogueira | Universidade de Brasília (UnB)

Editora-chefe da Revista de Estudos em Relações Interétnicas (Interethnica).

Orcid: [0000-0002-4541-7008](https://orcid.org/0000-0002-4541-7008)

E-mail: celeida@unb.br

Não faz tanto tempo e cabe retomar algumas lições – aprendidas ou não – da pandemia de covid-19. A presente edição da Revista Interethnica propõe essa lembrança em chave crítica e por vozes diversas, a partir do dossiê *Territórios de cuidado em tempos pandêmicos e as violações de direitos* organizado por Sílvia Guimarães, Ronaldo Trindade e Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos, pesquisadora e pesquisadores do Laboratório Matula – sociabilidades, diferenças e desigualdades, do Departamento de Antropologia (DAN), da Universidade de Brasília (UnB).

O dossiê reúne sete artigos de autoras e autores que elaboram a experiência da pandemia a partir dos territórios tradicionais, de povos indígenas e quilombolas, mas também de segmentos sociais excluídos da proteção social, como travestis e mulheres negras empregadas domésticas¹. No Brasil, a pandemia se manifestou como uma crise não apenas sanitária, mas também social e política sem precedentes, sob o governo de Jair Messias Bolsonaro (2018 – 2022). De forma uníssona, as autoras e autores dos artigos que compõem o dossiê *Territórios de cuidado* denunciam o projeto de morte que sustentou essa gestão. Se a pandemia revelou desigualdades estruturais na sociedade brasileira, a resposta governamental à crise tornou evidente que se trata de um projeto político manter e aprofundá-las.

A pandemia de covid-19 não ameaçou ou atingiu os diferentes grupos sociais de forma igualitária. O surto da doença tornou mais vulneráveis alguns lugares e pessoas conforme suas características étnicas, raciais, de gênero e classe. Além disso, povos indígenas, quilombolas e sujeitos periferizados ficaram não apenas mais expostos à doença, mas

¹ Os artigos são descritos pela organizadora e organizadores do dossiê na Apresentação, a seguir.

também – e de forma deliberada - a violências, que incluíram a negação da proteção social e o aumento das ofensivas contra seus corpos e territórios durante a crise.

Embora tenha sido controlada em 2022, a pandemia deixou um rastro de violações de direitos com efeitos ainda presentes, que não podem ser esquecidos. Os artigos reunidos no dossiê *Territórios de cuidado* cumprem então com o papel de pautar novamente o tema. Se podemos, de certo modo, observar e discutir a pandemia pelo retrovisor, o mesmo não pode ser dito sobre o projeto político contrário à afirmação dos direitos de povos e comunidades tradicionais e de grupos periféricos e minorizados. Esse projeto político e seus agentes seguem à espreita. Por isso, ainda é importante refletir e discutir sobre a experiência recente da pandemia. Um exercício para ampliar a consciência sobre os dispositivos da opressão, mas também sobre as formas de resistência, resiliência ou sobrevivência dos grupos-alvo da necropolítica – noção de Achille Mbembe (2016) frequentemente mobilizada por autoras e autores reunidos nesta edição da *Interethnica*, por sua força heurística nesse contexto.

Outro aspecto que sugere uma unidade, na diversidade de sujeitos e territórios evocados pelo dossiê, está expresso desde o seu título: *Territórios de cuidado*. Afinal, para além da denúncia das violações de direitos, as análises revelam o acionamento de saberes e práticas de cuidado frente à crise, a partir de experiências coletivas porque referidas também a uma história comum e situadas nos territórios. Dessa forma, povos e comunidades tradicionais (PCTs) se auto-organizaram para, ameaçados pela desassistência do Estado, estabelecerem estratégias próprias de combate à pandemia, especialmente por meio da ética do cuidado (BELLACASA, 2012).

A ideia de “territórios de cuidado” refere-se a lugares e experiências que se realizam por meio de sofisticadas redes de relacionamento que vinculam pessoas, humanos e mais que humanos, corpos e territórios. A crise gerada pela covid-19 reafirmou então a importância desses laços e demonstrou, como anunciado por Ailton Krenak (2022), que o futuro pode estar no passado. Dito de outro modo, como saberes e práticas ancestrais

podem oferecer antídotos ao adoecimento do corpo (individual e social), salvaguardando possibilidades de futuro.

Por isso, a carta que encerra o dossiê, *Carta às jovens pós-pandemia de covid-19*, apela à importância de organizar a dor e o vivido para legar às próximas gerações uma compreensão sobre os desafios que persistem – em especial quanto à injustiça social –, ao lado do reconhecimento de quais são os saberes e práticas que permitiram aos PCTs, grupos periféricos e minorizados viver, em lugar de morrer. Como um manifesto, convoca a juventude – especialmente as mulheres negras – a gerar futuros informada pela experiência daquelas e daqueles que a antecederam no tempo.

Esta edição da Revista Interethnica também conta com um artigo livre (fora do dossiê), um ensaio visual e uma conferência. *Os negros do Largo da Baía*, artigo de autoria de Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos, enfoca as memórias da comunidade quilombola Família Cardoso, cujo território se localiza em Nioaque, Mato Grosso do Sul. Por meio de pesquisa etnográfica e bibliográfica, o autor desvenda o histórico de formação da comunidade, entremeado por passagens da história regional e nacional, como a Guerra do Paraguai. O autor dedica especial atenção à memória dos idosos da comunidade, em um exercício de rememoração do processo de territorialização da Família Cardoso.

O ensaio visual *Etnografia amazônica por um olhar sobre mudanças: extrativismo, narrativas locais, modernidade e etnoconservação* é composto por 13 fotografias de Ewerton Domingos Tuma Martins, produzidas em localidades do Pará: no município de Marapanim; na ilha de Soure, no arquipélago do Marajó; na Ilha de Mosqueiro e no distrito de Icoaraci, em Belém. Com extraordinária sensibilidade, o autor apresenta ao público o cotidiano e o modo de vida extrativista de comunidades tradicionais da região, nas suas interações com ambientes de manguezais, praias e rios, bem como as mudanças que se insinuam de forma crescente em seus territórios.

A conferência *Narrativas da diferença em tempos de intolerância* registra o diálogo entre Rita Segato, Alessandra Korap e Givânia da Silva, por ocasião das celebrações pelos 10

anos do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (Mespt). Realizada de forma remota, em 2021 – portanto, durante a pandemia de covid-19 -, a conferência destaca as múltiplas ofensivas contra o direito à diferença, no marco mais amplo da atualização dos esquemas coloniais que recaem sobre a América Latina.

Esta edição da *Interethnica* reitera, assim, a linha editorial adotada pela revista, a partir de 2021, com foco sobre o incentivo ao diálogo intercultural e antirracista. Do mesmo modo, reafirma a opção da revista por diversificar as formas de comunicação (inter)científica e do pensamento, a fim de contribuir com transformações no ambiente acadêmico para a ampliação de seus horizontes teóricos e práticos. Esperamos que as leitoras e leitores apreciem.

Referências

BELLACASA, María Puig de la. “Nothing comes without its world”: thinking with care. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, 2012.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte e Ensaio**, Rio de Janeiro, n. 32, 2016.

